

**Teologia e Políticas Públicas:
a condição humana entre Malcos, Samaritanos e Barnabés**

**Theology and Public Policy:
The Human Condition among Malchus, Samaritans and Barnabas**

Adilson de Souza Filho¹

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos significa trabalhar pela inclusão social, fruto da Justiça; significa não ter preconceitos, aplicar nossos melhores talentos em favor da vida plena. (Zilda Arns)

RESUMO

O que antes era apenas uma abstração, dos mais esperançosos, de um dia tornar-se popular na sociedade brasileira, hoje vivemos, inegavelmente, o tempo do empoderamento da representação evangélica como a religião que mais cresce no país. De espaços públicos – como a conhecida e divulgada marcha pra Jesus, realizada há anos na tradicional Avenida Paulista – a espaços tipicamente específicos consagrados como igrejas – até mesmo uma réplica do templo de Salomão – para as enormes concentrações de pessoas, bem como a expressiva bancada evangélica de deputados federais, estamos assistindo a grandes e a perceptíveis mudanças sociais em nosso país. Do fundamentalismo religioso ao advento da polarização entre progressistas e extremistas de direita, vivemos atualmente um caldo de cultura que não pode mais ser ignorado pela imprensa oficial, pela academia e pela política. Neste artigo abordaremos esse assunto sob a premissa da política, da teologia e das ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE

Alteridade; Condição Humana; Políticas Públicas; Fundamentalismo Evangélico.

ABSTRACT

What was once just an abstraction, one of the most hopeful, of one day becoming popular in Brazilian society, today we undeniably live in the time of empowerment of evangelical representation as the fastest growing religion in the country. From public spaces – such as the well-known and publicized march for Jesus, held for years on the traditional Avenida Paulista

¹ Bacharel em Teologia pela EST, licenciado em História, mestre e doutor em Ciências da Religião pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), é professor de Teologia na FATIPI (Faculdade de Teologia de São Paulo, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil) e de História na Rede Pública Municipal de Praia Grande-SP.

– to typically specific spaces consecrated as churches – even a replica of Solomon’s temple – to the huge concentrations of people, as well as the expressive bench evangelical group of federal deputies, we are witnessing major and noticeable social changes in our country. From religious fundamentalism to the advent of polarization between progressives and right-wing extremists, we are currently experiencing a melting pot of culture that can no longer be ignored by the official press, academia and politics. In this article we will address this subject under the premise of politics, theology and human sciences.

KEY-WORDS

Alterity; Human Condition; Public Policies; Evangelical Fundamentalism.

Introdução

A sensação que temos ao iniciar esta reflexão é a de que vamos produzir palavras a serem lançadas ao vento, no deserto ou, no melhor das hipóteses, para algum grupo de iguais que, por curiosidade, resolva ouvi-las, ou mesmo lê-las. Durante muito tempo no Brasil era comum incorporarmos a figura do complexo de vira-latas.² Incorporando-a, aceitamos passivamente a pecha de que a “grama do vizinho sempre é mais verde”. Para recortar uma data e um período, foi em 1808 que a Coroa Portuguesa se instalou – forçosamente – no Brasil. O *Modus Vivendi* europeu só foi mostrado imagetivamente no Brasil – ainda que pelo seu representante mais exótico, isto é, a monarquia portuguesa – em razão de que o avanço napoleônico tornou-se uma verdadeira ameaça à ilhota portuguesa que sempre se achou acima de seu sapato. Dom João VI e toda a sua comitiva não aportaram no Brasil por um projeto geopolítico; não! A *expertise* marítima e bélica dos espoliadores portugueses foi adquirida na África e no Brasil segundo a proporção: Chumbo *versus* Flecha. No entanto, quando precisou comparar proporcionalmente suas forças, com a França de Napoleão, preferiu pagar caro pelo serviço de transporte marítimo seguro junto à Inglaterra, fugindo para o Brasil. Pregar meritocracia quando se detém chumbo contra flecha é demagogia; mas, todos que o fazem, mudam de ideia quando se compara chumbo contra chumbo.

Eis a razão do brasileiro sempre ter predileção por aquilo que é importado. Durante séculos fomos aculturados pela elite política portuguesa que sempre viu o Brasil como um “Grande Celeiro”. Sim! A coroa portuguesa odiou a experiência de ter sido obrigada a refugiar-se na *Terra Brasilis*: 1808 a 1821. Aquilo que chamamos hoje de “pessoas de bem”, por mais de trezentos e cinquenta anos de colonização portuguesa, é o mesmo que no passado se disse dos “senhores de engenho”; esses “naturalizaram” a objetificação dos corpos dóceis³ dos pretos e indígenas

² “(...) só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-lata’. Estou a imaginar o espanto do leitor: ‘O que vem a ser isso?’ Eu explico. Por ‘complexo de vira-lata’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol (...)” (RODRIGUES, N. *Complexo de vira-latas*. À sombra das chuteiras imortais: Crônicas de futebol. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 61-63).

³ Expressão usada por Michel Foucault, em *História da Sexualidade*. As Confissões da Carne. Vol. 4. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

que, considerados desalmados⁴ pelo cristianismo oficial, foram bestializados sociopaticamente por pseudos representantes europeus/portugueses e cristãos.⁵

Falar de políticas públicas, num Brasil tão religioso, é falar de teologia! Contudo, falar de teologia num Brasil tão ecumênico, é falar de teologias. O plural das teologias não está na diversidade dos deuses, antes, está no uso divino das mãos que abraçam, acolhem, curam, cuidam e protegem; está nos ouvidos que ouvem o gemido dos oprimidos pela força diabólica (religiosa) do capital traduzido ideologicamente por meritocracia; está nos olhos que enxergam o abatimento dos nossos irmãos e irmãs que perfazem um grande coral de mais de cem milhões de brasileiros e brasileiras que vivem com a renda de um salário mínimo⁶; e por fim, está nos pés que, como cumprimento profético, mostram a formosura do Evangelho daqueles que têm como fundamento da fé a graça que alcança um para em seguida alcançar todos e todas, sobretudo, os pobres.

Neste artigo abordaremos o tema acima proposto a partir de três figuras simbólicas da espiritualidade e do fundamentalismo nos tempos de Jesus, comparando-as com a espiritualidade evangélica, fundamentalista e ideológica praticada massivamente no Brasil de nosso tempo.

1. Malcos como símbolo que inviabiliza a condição humana

O conceito de condição humana deve ser compreendido, basicamente, a partir de duas premissas: a primeira deriva do grego *homós*, que prefigura termos tais quais “comum, iguais, semelhantes”; daí tiramos expressões como *Homo habilis* e *Homo Sapiens* querendo dizer habilidades específicas encontradas em humanos, bem como conhecimentos específicos produzidos apenas por seres humanos. A segunda premissa para se pensar a condição humana aponta para aquilo que nos permite continuar como espécie biológica e, sobretudo, como seres culturais, religiosos e que complexa e historicamente se organizam em sujeitos sociais.

Destas duas premissas chegamos, simbolicamente, ao conceito de “Condição Humana”. Mais que explicação, a condição humana precisa prescindir de elementos anímicos, instintivos, racionais e espirituais para captar a dimensão básica da existência humana. Nesse sentido, condição humana é o meio pelo qual podemos nascer, crescer, desenvolver, sonhar, alegrar, realizar, conquistar, angustiar e, enfim, morrer dignamente. É evidente que todos estes verbos estão a serviço da definição social, filosófica, política e religiosa acerca do que acreditamos resumir a existência humana.

Foi Hanna Arendt quem captou brilhantemente o conceito de condição humana, publicando em 1958 uma de suas grandes obras denominada exatamente de *A Condição Humana*. Ainda no contexto do pós-Segunda Guerra, Arendt criticou os sinais apocalípticos do que foi o totalitarismo fascista europeu. Com a vida humana sendo ao extremo banalizada, podendo ser comparada até mesmo ao mundo medieval, primitivista... pode-se dizer que, em certos recortes

⁴ No século XVII a igreja discutiu política e ideologicamente a teoria da ausência de alma nos pretos e nos indígenas; isto é, se eles não têm alma, então não devem ser evangelizados, pois são “bestas” pré-humanas.

⁵ Para quem tiver interesse, pesquise sobre as críticas de Bartolomeu de Las Casas, sobre a “bestialização” de indígenas e pretos no Brasil Colônia.

⁶ VALOR ECONÔMICO: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/12/06/ibge-60-pontos-percentuais-dos-brasileiros-vivem-com-at-1-salrio-mnimo-por-ms.ghtml>.

históricos, a condição humana flertou com a extinção de sua própria condição. Em meio ao jogo ensandecido da Guerra Fria, aos riscos de novas ogivas ativadas, às conquistas do espaço, dos satélites e da própria lua, a condição humana, realmente havia chegado, já naquele contexto de setenta anos atrás, ao auge do conhecimento científico. É deste contexto de extinção por meio de arma de destruição coletiva que tiramos simbolicamente a figura de Malco.⁷

Trata-se de um personagem presente numa cena bíblica que narra a prisão de Jesus de Nazaré. Malco pode ser descrito pelo símbolo da arma, ícone e mensageira da morte, portanto, agente escatológica do fim da condição humana. Por um lado, Malco representa aqueles que, com armas, arremetem contra seus comuns – humanos – para lhes tirarem a vida, negando-lhes qualquer possibilidade de condição humana; por outro lado, Malco também é vítima do mesmo símbolo da morte, quando por uma arma teve sua orelha cortada por um de seus iguais, ainda que estando em lados sociais diferentes. Nesta cena lembra-se universalmente de um provérbio antigo: “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Por mais que a arma sirva, ironicamente, para conter coercitiva e efetivamente a violência, serve também para perpetuar aquilo que os humanos e seus iguais têm de pior: a vingança!⁸

Entretanto, ainda que presente na mesma cena, sendo a principal vítima da arma e da morte, Jesus aparece como arma contra a própria arma. Obviamente neste jogo de paráfrase, lembramos que o conceito de arma sugere, dialeticamente, instrumento de agressão e proteção; da mesma forma que pode ferir, pode curar. A arma romana, naquele contexto, era a espada, porém, no mesmo contexto, a arma de Jesus era o ágape. No extremo oposto da religião política dos judeus de seu tempo, Jesus afirmou ser desnecessário o uso da arma quando não se trata de neutralizar quem não oferece risco com arma semelhante. Com outras palavras Jesus estava dizendo que não se deve usar arma de morte contra quem usa arma de vida. A primeira, desumaniza e anuncia dor, tristeza e morte; a segunda, humaniza, gera vida e enuncia paz. Contudo, o fundamentalismo religioso, para proteger suas convicções, usam de qualquer arma disponível para calar, ou mesmo eliminar qualquer voz ou pessoa que ameace suas tradições. Tal qual na Jerusalém dos tempos de Jesus, tal como hoje no Brasil evangélico, repete-se o mesmo *Modus Operandi*. Mostrando-se visualmente aos seus discípulos, bem como aos seus algozes, Jesus, literalmente, empunhou com suas mãos a poderosa arma do ágape, amando incondicionalmente a todos quantos encontrou em seus caminhos, seja na empoeirada Palestina, seja nas opulentas sinagogas ou mesmo no grande e imponente templo da Cidade Santa.

O ágape de Jesus, teologicamente, não deve ser interpretado ou mesmo reduzido à cultura da moral religiosa, seja ela de que matiz for; o amor incondicional de Jesus é o avesso de qualquer virtude humana, pois, em sua gênese divina, ama, enquanto nós em situação semelhante odiamos; perdoa, enquanto nós oferecemos vingança; compartilha, enquanto nós acumulamos; cura, enquanto nós ferimos; inclui, enquanto nós excluímos; levanta os abatidos, enquanto nós, para mantermos nossas classes e castas sociais e religiosas, nos alegramos com destaques sociais e materiais. É exatamente este tipo de arma manuseada por Jesus que, já em seu tempo, foi contraposta pelo poderoso jogo religioso que usava e usa de armas mais sofisticadas e adaptadas aos lugares, ambientes e estratificações sociais e religiosos que “melhores” se engajam na

⁷ Veja descrição desta cena narrada no Evangelho de João 18,1-11; Malco era escravo, porém, portava, neste contexto, arma e fazia parte da orda armada para prender a Jesus.

⁸ Veja com mais detalhe o conceito de vingança utilizado por René Girard, *A Violência e o Sagrado* (São Paulo, Paz e Terra, 2008).

encenação estética, hipócrita e pragmática das empresas religiosas. Cabe aqui dizer que o conceito de empresa não se restringe aos megaempreendimentos religiosos e, sobretudo, evangélicos de nosso país; na avalanche do fenômeno Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, testemunhamos o engajamento massivo de evangélicos de igrejas históricas, não pentecostais, aderindo ao discurso e à agenda moralista, fundamentalista e nada cristã do bolsonarismo. A arma do ódio a serviço do jogo religioso se mostrou implacável e convicta de seus ideais e visão de mundo – opostos aos olhares e ideais de Jesus dos Evangelhos – quando repetiu o mesmo movimento de apoio político e ideológico à tentativa de reeleição do então Presidente da República.

Depois de dezenas de séculos, desde a pré-história, passando pelo medievalismo, pestes, epidemias, pandemias, colonialismos e ainda duas guerras mundiais, pensávamos que a condição humana havia chegado ao seu grau de obriedade, dizendo-nos que, afinal, aprendemos a nos autopreservar coletivamente. Entretanto, ainda que vivendo no auge do advento da ciência tecnológica à serviço da medicina, da agricultura, dos satélites, da Inteligência Artificial e até mesmo do povoamento de outros planetas... ainda assim somos capazes de produzir bestialidades que nos equiparam aos nossos ancestrais *Australopithecus*. Neste particular, ousamos dizer que nem as religiões e nem mesmo a ciência em nada contribuíram para o bem-estar coletivo. Muito pelo contrário, em nome de seus “deuses”, sejam místicos ou robóticos... líderes mundiais invadem nações, oprimem, espoliam a terra e seus recursos naturais, mostrando que sempre recorrem à máxima de que “Os fins justificam os meios”. A ironia desses tais “fins justos” é que fazem guerra para evitar guerra, matam inocentes para protegerem inocentes, fabricam e testam novas armas para se combater armas terroristas... e tudo isso num *looping* infinito. A ciência, em meio ao romantismo, fanatismo e fatalismo produz suas incongruências no passado, no presente e no futuro. Do ideal inovador no transporte nasceram navios, aviões, naves espaciais e, mais recentemente, os drones. Do sonho ao pesadelo lembramos dos navios negreiros, dos aviões que atiraram as ogivas nucleares em Hiroshima e Nagasaki e dos drones com a recente e estúpida guerra entre Rússia e Ucrânia.

Se líderes mundiais querem mesmo produzir políticas públicas que promovam a condição humana, bem como evitarem os extremismos e fundamentalismos contemporâneos, precisam urgente e teologicamente tornarem-se ateus de seus deuses de morte. Neste pormenor, precisam imitar a atitude do Jesus Nazareno: devem guardar a espada, curar os feridos e investir seus trilhões de dólares na humanização humana e jamais na “Arte da Guerra”. Parafrazeando Mircea Eliade, como num “mito do eterno retorno”, precisam pregar o retorno ao *Ânima* em harmonia com a *Natura*. O Mundo não pode mais – sob o risco iminente do caos climático, ou da Terceira Guerra Mundial – conjugar o verbo (PRODUZIR). O Mundo precisa, nos próximos cinquenta anos, conjugar o verbo (DISTRIBUIR). Parodiando Josué Gomes, presidente da FIESP, a riqueza do 1% da população sobre a pobreza dos demais é pornográfica! Ou recuam, ou morreremos todos sob a égide de um novo dilúvio, e desta vez, sem Arca de Noé.

2. Samaritanos são anjos que ainda insistem crer na condição humana

Sob a figura dos Samaritanos faremos toda a fundamentação das razões, do momento e do poder de fazer das políticas públicas. E para que obtenhamos êxito na explicitação conceitual de políticas públicas, devemos nos sobrepor ao jogo polarizante e partidário que as reduz na

formatação de “Direita & Esquerda”, ou mesmo “Capitalista & Socialista” como podemos ver e constatar nos últimos cento e cinquenta anos. Neste campo, a direita é descrita como aliada ao Capital e ao Rentismo que sempre prega o evangelho do Estado mínimo. Neste modelo político e ideológico, Estado mínimo significa *free business* que nada mais é, senão, o empoderamento da palavra mágica, sempre na moda, que é a tal meritocracia. Já a esquerda é o modelo político e ideológico aliado aos movimentos sociais com enorme capilaridade de temas e demandas que perfazem um contingente significativo no Brasil que, como consequência, prega o evangelho do Estado máximo. Neste modelo político, Estado Máximo significa maior protecionismo, portanto, não meritocracia – já que os pontos de partida entre elite e pobreza são historicamente polares – visando subsidiar os meios mais básicos de sobrevivência social do imenso tecido que cobre a esmagadora população pobre brasileira. Ao dizer que devemos nos sobrepor a este jogo polarizante, assumimos como urgência a revisitação da Condição Humana para refletirmos e ressignificarmos a necessidade de se fazer políticas públicas.

Mas, afinal, o que é Política Pública? É a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos.⁹ Talvez a palavra-chave que denota o uso que queremos fazer sobre políticas públicas seja exatamente essa: Influência! Sim, trata-se de uma palavra da moda, do mundo digital das redes sociais. *Influencer* lembra a figura simbólica de algum mito, herói ou mesmo ídolo arrebatador de paixões de pessoas que tornam seus veneradores e seguidores, tais como vimos na história ao lembrarmos das expressões: *Duce*, *Caudilho*, *Führer*, *Mito*, *Pai dos Pobres*.¹⁰ Contudo, considerando o lado crítico e acadêmico sobre políticas públicas, deve-se lembrar de que tal mecanismo deve ser acompanhado por setores independentes para que se possa catalogar e, estatisticamente, aferir dados que evidenciem resultados positivos e estruturais a longo prazo em favor da pessoa e da dignidade humana. Seguindo por caminhos críticos das Ciências Políticas, reduz-se as chances de converter ou mesmo conceber políticas públicas como modo de ser da política populista.

É neste ponto que apresentamos o uso simbólico que estamos fazendo da figura bíblica do samaritano. Contra qualquer tipo de populismo e fundamentalismo religioso, o samaritano sequer tem nome, ideologia ou partido político. Pelo contrário, a atitude do samaritano é humanística, universal e revestida do manto da alteridade.¹¹ Entretanto, para não flertarmos com a sempre ameaçadora utopia, sabendo que é praticamente impossível imaginar ou mesmo ver a efetivação de políticas públicas desvinculadas de política populista... então, que estas sejam, ao menos, submetidas às análises de cientistas sociais, historiadores e jornalistas que, profissionalmente e sem partidarismo, verifiquem pragmaticamente os resultados construídos a curto, médio e longo prazos nas sociedades locais e globais. Aliás, sugerimos como tarefa para estes profissionais de áreas como sociologia, história e jornalismo comunicativo a que aceitem como desafio provocativo fazer um levantamento sério sobre os números e resultados sociais das políticas públicas como: Carteira de Trabalho (criada em 1940), FUNAI (1967), INCRA

⁹ PETERS, B. G. *American Public Policy*. Chatham, N.J.: Chatham House. 1986, *Apud*: SOUZA, CELINA. *Políticas Públicas: uma revisão da literatura*. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45.

¹⁰ Estas expressões estão registradas emblematicamente sobre personagens nacionalistas que, com discursos inflamadores, arrebanharam multidões: *Duce* (Benito Mussolini, na Itália); *Caudilho* (Francisco Franco, na Espanha); *Führer* (Adolf Hitler, na Alemanha); *Mito* (Jair Bolsonaro, no Brasil); e *Pai dos Pobres* (Lula, no Brasil).

¹¹ Recomendamos o uso conceitual de alteridade a partir da obra: *Entre Nós*, de Emmanuel Lévinas, publicado no Brasil pela Editora Vozes, Petrópolis, 1997.

(Reforma Agrária 1970), EMBRAPA (criada em 1973), Bolsa Família, Cotas¹², Minha Casa Minha Vida, Prouni, Pronatec. Em termos globais, entidades como ONU, OMS, TPI (Tribunal Penal Internacional) e UNESCO vêm produzindo dados espíricos e estatísticos que ajudam na mitigação de práticas em desfavor da condição humana que, até então, eram simplesmente ignoradas mundo afora.

A figura bíblica do samaritano a que nos referimos aqui tem a ver com a ética mundial, atemporal e, sobretudo, humanitária. De acordo com o relato bíblico, o samaritano ao se deparar com um de seus iguais queado e ferido, não priorizou o questionário classista que diria: Quem é esta pessoa? Onde mora? Onde estão seus documentos? Qual o CPF? Qual é sua religião? Qual é sua etnia? Qual é sua nacionalidade? Qual é sua opção política? E, por último, qual é seu comportamento sexual?

A parábola – ou também poderia ser a metáfora – contada por Jesus de Nazaré tem alcance universal a partir do momento que privilegia a dignidade da pessoa humana. É exatamente o empoderamento de tudo aquilo que significa a Condição Humana que nos torna iguais e universais. Neste nível de reflexão não há mais espaço para ideologias políticas, religiosas e nacionalistas. É neste ponto que, no princípio da alteridade, nos identificamos como seres humanos. Pensávamos que a humanidade havia aprendido a lição sobre o sentido da vida humana frente aos horrores dos campos de concentração e câmaras de gás na Polônia e o genocídio do Holocausto, com a tragédia que exterminou milhares de pessoas no Kosovo, com a simbólica “Queda do muro de Berlim”; nenhuma destas bestialidades humanas ensinou ao mundo os valores que representam o parentesco, a prioridade da dignidade humana e da própria vida humana. Entretanto, em pleno século XXI assistimos a execução do Brexit da “supremacia” britânica, do muro supremacista estadunidense na fronteira com o México, da execução em massa de crianças palestinas, sob os olhares e “aprovação” ideológica de superpotências como Estados Unidos, França, Alemanha, Reino Unido, China e Japão. Assistimos, em tempo real, via YouTube, a sangrenta invasão, de parte a parte, de Rússia e Ucrânia.

Desse modo, o samaritano aqui evoca o símbolo universal da Condição Humana que supera os aforismos da classe social, da lei de propriedade, da religião, da cultura, da nacionalidade e da etnia. Ser, ou mesmo agir como samaritano é, simultaneamente, encarnar o princípio da alteridade que, de modo místico, nos torna parecidos ao Nazareno Jesus; mas que também foi visto em Madre Tereza de Calcutá, Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, no cacique americano Seattle¹³ e, mais recentemente, no cacique brasileiro Raoni.¹⁴ Isto é, cuidar e sarar as feridas da Mãe Terra¹⁵ e prover dignidade à pessoa humana é exatamente o que nos torna humanos e universais, como bem afirmou Leonardo Boff ao referir-se aos novos “Adão e Eva” com a ética dos jardineiros de Deus; com isso, devemos todos compreender o conselho climático de Leonardo Boff, invertendo o antigo mandamento bíblico de “explorar a terra” para “CULTIVAR A TERRA”!

¹² Vide que mais da metade dos novos ingressantes na USP em 2023 vem de escolas públicas: <https://jornal.usp.br/institucional/com-541-de-ingressantes-de-escolas-publicas-vestibular-2023-foi-o-mais-inclusivo-da-historia/>.

¹³ <https://cetesb.sp.gov.br/carta-do-chefe-seattle/>, pesquisa feita em 25 de junho de 2024.

¹⁴ <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2024/03/25/presidente-macron-concede-ao-cacique-raoni-a-maior-honraria-da-franca-durante-visita-a-belem.ghtml>.

¹⁵ Expressão extraída da magnífica obra de Leonardo Boff, *Ecologia – Grito da terra, grito dos Pobres* (São Paulo: Ática, 1999).

3. Barnabés são o espinho na carne dos Faria Limer's¹⁶

A expressão espinho na carne – à semelhança de Malco, Samaritano e Barnabé – é de origem bíblica e se aplica a uma situação de incômodo existencial que varia entre patologias, dores e doenças físicas, ou até mesmo situações incidentais que produzem algum tipo de problema que gera incômodo, constrangimento e inquietude. Este tipo de incômodo não é sentido – a não ser quando aparecem os Barnabés da história – quando se vive no topo da pirâmide social; o distanciamento social entre a elite e a pobreza brasileira é tão grande que, de parte a parte, não se imagina como é viver no céu ou mesmo viver no inferno; para tentarmos quebrar este mármore que separa os quadros sociais, lembremos, por exemplo, a fala de um Faria Limer, pitoresco ministro da economia que, traído por um arroubo de sua inconsciência disse: “[...] O câmbio não está nervoso, (o câmbio) mudou. Não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada”¹⁷. Tal fala é tida como “ato falho” em razão de conter “deselegância social”, indiferença com milhões de pessoas pobres que vivem com as migalhas que caem das mesas do topo da pirâmide. Entretanto, não há nada de ato falho nesta fala, pois, afinal, este é o comportamento cultural, histórico e escatológico¹⁸ da elite do atraso, como bem afirmou Jessé de Souza, no Brasil e no mundo.

A título de recorte histórico e compreensão de como vive e como pensa a elite, resgatamos a data de oito de agosto de 1444, na região de Lagos, então um vilarejo murado na região de Algarve, sul de Portugal; ali ocorrera algo inusitado, porém que com o tempo se tornaria frequente, sistemático e estrutural aos arredores do cais; sob forte proteção dos canhões, eis que seis caravelas tiveram seus porões abertos de onde saiu uma carga atípica: 235 homens, mulheres e crianças, todos escravos que seriam arrematados em leilão. Algo que nos chama atenção neste relato é o de que o tal vilarejo era murado e protegido por canhões; símbolos semelhantes, porém mais sofisticados, ainda se fazem presentes na região “celestial” onde transitam os Faria Limer's.¹⁹ Entre as cenas que podemos imaginar, daquele início cultural e histórico dos brancos ricos leiloando, assistindo, comprando e negociando escravos pretos recém-chegados da África, destaca-se o episódio de que quatro escravos foram separados do restante do lote para serem doados para a igreja; porém, seu padre, precisando comprar ornamentos novos para o altar, decidiu vender um escravo no dia seguinte.²⁰ Este contraste entre “Sagrado (igreja) e Profano (escravo)” nos faz recordar da parábola, também contada por Jesus, ao ver santidade no publicano (pecador) e profanidade no fariseu (religioso).

É deste contexto de separação de classes, funções, desejos, arte, cultura, religião e destino que demarcamos a alma distópica da elite que vive encastelada no seu *Modus Vivendi* descrito

¹⁶ <https://vejasp.abril.com.br/cidades/faria-lima-condado-mercado-financeiro>.

¹⁷ <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>.

¹⁸ Esta expressão tem a ver com o fim da história; na teologia tem a ver com o juízo final onde Deus julgará as pessoas e suas consequentes atitudes.

¹⁹ A expressão “Faria Limer's já é conhecida da imprensa brasileira, bem como de filósofos e sociólogos brasileiros que utilizam desta simbologia para se referirem ao “centro do capital financeiro do Brasil”; para quem mora em São Paulo, na Capital, dói na alma ver a disparidade entre a arquitetura dos arranha céus da Faria Lima em contraste com os “barracos de papelão” de pessoas em situação de rua que podem ser vistos no trajeto geográfico para se chegar à região da Faria Lima.

²⁰ Para informações completas sobre o relato deste leilão, vide: GOMES, Laurentino. *ESCRavidão*. Volume 51. Rio de Janeiro: Globalivros, 2019.

como vale do silício brasileiro, condado, bolha, ilha da fantasia²¹; é literalmente desta bolha que os Faria Limer's constroem sua exótica visão sobre um contingente de milhões de pessoas que vivem na miséria. A incapacidade de se condoer com a miséria alheia não é fruto de ignorância ou mesmo de algum tipo de sociopatia; ao contrário, essa antipatia é construída, reproduzida e herdada ao longo dos séculos por pessoas que se destacam por seus sobrenomes, títulos, posses, poder e frieza com os quais agem e movem as engrenagens sociais para manterem incólume a pirâmide social. Aliás, todos os atuais jovens bilionários no mundo são herdeiros de bilionários²²; o mesmo se aplica, por exemplo, no Brasil, sobre o contingente de milhões de pessoas pobres que remetem suas histórias de parentesco com os milhares de pobres estratificados nas histórias da Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, do sertanejo Jeca Tatu – em conto de Urupês, de Monteiro Lobato, o Bota-Abaixo, política higienista que destruiu centenas de “barracos” e casas modestas no Rio de Janeiro para ceder espaço ao centro novo e moderno, em 1902.

Contudo, são os Barnabés que, ocasionalmente, geram tais incômodos nos endinheirados da história; inimaginavelmente esses barnabés aparecem para tirar o sono daqueles desalmados que, gananciosamente viciados em dinheiro, perdem a sensibilidade que, genética, psicológica e socialmente exerce – ou deveria exercer – em nós a capacidade de nos solidarizar com a miséria alheia.

À semelhança de Malco e Samaritano, Barnabé também é uma figura bíblica; a saga religiosa o descreve como despojado de bens materiais e, sobretudo, como alguém piedoso. Há uma canção evangélica popular que descreve Barnabé como portador de coração sensível à dor e miséria alheias. Parte desta canção diz:

Não fica bem a gente passar bem e outro carestia.
Ainda mais quando se sabe o que fazer e não se faz.
Como fruto do amor de Cristo, fruto do seu compromisso.
Vendeu o homem o que tinha e repartiu.²³

Barnabé é representado por alguém que, diante do desafio de viver a condição do conceito de comunidade, vendeu tudo o que possuía e colocou no “caixa comum” para que todos e todas pudessem, digna e humanamente sobreviver. Eis a razão de Barnabé tornar-se o tal espinho na carne dos endinheirados pois, o natural dessa gente é viver a indiferença frente à miséria alheia; aliás, não é incomum encontrarmos dados históricos, empíricos e estatísticos em que os próprios endinheirados são os causadores da miséria alheia. O conceito de espinho na carne a que utilizamos aqui tem a ver com o incômodo que deveria sofrer aquelas pessoas que, a despeito de seus bilhões, são incapazes de gestos semelhantes ao de Barnabé; deveriam se incomodar, porém, como efeito contrário, tornam-se cada vez mais sádicas, sedentas não apenas por mais dinheiro, mas também pela grotesca alegria de ver pobres cada vez mais pobres.

Finalmente, ainda que insistindo em figuras religiosas, devemos nos lembrar de figuras semelhantes a Barnabé que repetiram ato semelhante de abdicação de posses individuais em

²¹ Leia mais em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/faria-lima-condado-mercado-financeiro>.

²² <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/04/25/todos-os-jovens-bilionarios-sao-herdeiros-veja-quem-sao.htm>.

²³ Canção de Guilherme Kerr.

favor do comunitário; é o caso de São Francisco de Assis, na Itália do século XIII e de também Sidarta Gautama, o Buda, no século VI a.C.²⁴ Esse tipo de lógica do avesso contraria a lógica do selvagem mercado financeiro, da meritocracia, da Teologia da Prosperidade que banca simbolicamente no Brasil todo o empoderamento do neopentecostalismo; é por esta razão que, à semelhança dos tempos de Jesus em Jerusalém, os poderosos sempre farão de tudo para eliminarem todos quantos quiserem se levantar contra seus lucrativos negócios.

Religiosos políticos e políticos em nome da religião na antiga Palestina encomendaram a morte de Jesus em razão dos riscos de perderem o rentável domínio sobre as mentes das pessoas simples que viviam e respiravam intensamente a fé popular naquele tempo e espaço sagrado. Temos no Brasil atual o contexto tipicamente semelhante ao retratado nos tempos de Jesus em Jerusalém. O fundamentalismo evangélico vem surfando na onda conservadora de costumes morais e, tendo capilaridade significativa neste seguimento, pastores/políticos vêm produzindo cenas de horrores nos espaços públicos bem como nos religiosos. Parafrazeando a própria Bíblia, cabe bem aqui a citação²⁵: “É preciso fazê-los calar, porque andam pervertendo casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância”. Obviamente, o desafio de “fazê-los” calar não tem a ver com violência física; antes, tem a ver com a taxonomia das “verdades convencionais” aceitas por sociedades democráticas que, historicamente, as reproduzem por meio de códigos sociais, éticos, legais, judiciais, científicos e políticos. Afinal, em tempos de *fake News* e de relativização de verdades construídas e sedimentadas ao longo de séculos, é preciso recuar ao óbvio em nome da sobrevivência coletiva.

Considerações finais

A condição humana deve, em regime de urgência, ocupar espaço diário na agenda da política brasileira, da imprensa oficial, das academias de pesquisa e, sobretudo, nos espaços ecumenicamente religiosos. Aqui deve ser pensado a tese do retorno da Utopia Possível. Além da luta incansável dos órgãos de Estado e de Governo para combaterem *fake news* e a ideologização do ódio como “novo normal”, precisamos como sociedade utopicamente una construir um novo tempo social em nome da sobrevivência da condição humana. Para tanto, é preciso encontrar figuras públicas e carismáticas e convencê-las ao desafio de firmarem um pacto social em torno da condição humana; ou fazemos isso, ou então, continuaremos a nos adoecer emocional e socialmente ao ponto e risco da perpetuidade da banalização do mal.

Neste artigo, ainda que em tom introdutório sobre recortes históricos do Brasil e do mundo, procuramos relacionar personagens bíblicos e personagens históricos em conexão comparativa com diversos cenários e palcos sociais onde são vividas e produzidas as imagens da existência humana. Culturas diversas, sonhos diversos, visões de mundo diversas, religiões diversas, técnicas diversas deveriam nos tornar, evidentemente, não iguais, mas *uno*. Como bem disse Levi-Strauss²⁶, é um completo absurdo, além de equívoco empírico-científico, classificar os seres humanos como “superiores e inferiores”. No jogo humanizante da humanização da condição

²⁴ <https://super.abril.com.br/historia/buda-uma-breve-introducao-ao-mundo-de-sidarta-gautama>.

²⁵ Tito 1,11-12.

²⁶ LÉVI-STRAUSS, C. *Raça e história*. 7. ed. Portugal: Editorial Presença, 2003.

humana, somos todos iguais, porque humanos somos todos. E como podemos constatar a partir de alguns recortes históricos apontados neste artigo, vimos as consequências causadas globalmente em nome das nefastas teses construídas ideologicamente a partir de premissas falsas como as supremacistas, religiosas, econômicas e tecnológicas.

É preciso e urgente utilizarmos as facilidades dos canais digitais, via redes sociais, para produzirmos conteúdos que contribuam para conscientização local e, quiçá, global como desafio ao retorno à sensatez das relações humanas. Como num retorno – *à la* Renascença – ou semos produzir conteúdo para rechaçarmos o “Elogio da Loucura” do qual sofremos no Brasil atual, porém, situação semelhante pode ser, infelizmente, vista e observada em várias partes do mundo, inclusive nos cantos que antes eram chamados de “civilizados”.

Referências

- ARENDDT, Hanna. *A Condição Humana*. São Paulo: Forense, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia – Grito da terra, grito dos Pobres*. São Paulo: Ática, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. As Confissões da Carne. Vol. 4. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 51. ed. São Paulo: Editora Global, 2006.
- GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo, Paz e Terra, 2008.
- GOMES, Laurentino: *ESCRAVIDÃO*. Volume 1. Rio de Janeiro: Globolivros, 2019.
- RODRIGUES, N. *Complexo de vira-latas*. À sombra das chuteiras imortais: Crônicas de futebol. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre Nós*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- PETERS, B. G. *American Public Policy*. Chatham, NJ: Chatham House, 1986.
- SOUZA, CELINA. *Políticas Públicas: uma revisão da literatura*. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, p. 20-45, jul/dez 2006.
- SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso*. São Paulo, Leya, 2017.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Raça e história*. 7ª. ed. Portugal: Editorial Presença, 2003.

Submetido em: 30/08/2024

Aprovado em: 25/11/2024